O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO PELA LINGUAGEM NO AMBIENTE VIRTUAL

Pedro Henrique De Angeli[1]

Canício Scherer[2]

RESUMO

Considerando o grande avanço dos meios digitais como formas de comunicação, no presente trabalho visamos fazer uma leitura filosófica sistemática da realidade linguística que se verifica nesse âmbito, com vista a responder à questão sobre como se dá a individuação no ambiente virtual e qual sujeito emerge através desse tipo de comunicação. Procuramos embasar os conceitos filosóficos de Wittgenstein e Habermas para fundamentar a nossa pesquisa. Esses, nos ajudam a evidenciar como, pela linguagem, se realiza o processo de construção da identidade do sujeito. Trata-se de um trabalho de natureza bibliográfica, pela necessidade de se levantar informações a respeito da análise linguística e de se esclarecer os conceitos dos autores supracitados. Por fim, buscamos apontar como o uso desta linguagem reflete e influencia nas características próprias do homem contemporâneo, que apontam para uma multiplicidade, instabilidade e fragilidade na identidade do sujeito.

Palavras-chave: Identidade. Individuação. Linguagem. Comunicação. Virtual.

ABSTRACT

Considering the great advance of digital media as forms of communication, in the present work we aim to make a systematic philosophical reading of the linguistic reality that occurs in this environment, in order to answer the question about how individuation occurs in the virtual environment and which subject emerges through this type of communication. We tried to base our research on the philosophical concepts of Wittgenstein and Habermas. These concepts help us to evidence how, through language, the process of identity construction is accomplished. This is a bibliographic work, due to the need to gather information about the linguistic analysis and to clarify the concepts of the authors mentioned above. Finally, we seek to point out how the use of this language reflects and influences the characteristics of contemporary man, which point to a multiplicity, instability and fragility in the subject's identity.

Keywords: Identity. Individuation. Language. Communication. Virtual.

[1] Graduando do Curso de Filosofia do Centro Universitário Salesiano/UNISALES. E-mail: Pedro.Angeli@souunisales.com.br

[2] Licenciado em Filosofia (PUC/PR). Especialista em filosofia contemporânea (UFES) e Mestre em História Social das Relações Políticas (UFES). Professor do Unisales; Filosofia: Ética. E-mail: cscherer@salesiano.br

1 INTRODUÇÃO

O século XX foi marcado – dentre tantas coisas – pela Revolução Digital, também conhecida como a Terceira Revolução Industrial. Esta se refere aos processos associados à passagem da tecnologia eletrônica mecânica e analógica para a eletrônica digital, iniciada entre o final dos anos 1950 e o final dos anos 1970, com expansão do uso de computadores digitais e a constituição de arquivos digitais, processo que segue até os dias atuais (SCHOENHERR, 2004).

Estes avanços tecnológicos associados à popularização da internet alteraram drasticamente a forma de vida das pessoas em todo o mundo, de maneira que atualmente grande parte da população mundial tem sua rotina diária atravessada pelo uso constante de produtos tecnológicos digitais e pela World Wide Web (aplicação de compartilhamento de informação que significa: Rede de Alcance Mundial). Do simples ato de pagar uma conta bancária ao ato de se alimentar, a tecnologia integrada à Internet modificou intensamente a cultura.

Segundo Mattos (2013) a Era Digital se caracteriza, principalmente, pela mudança radical dos paradigmas da comunicação, pela maior rapidez e agilidade na propagação da informação. Com o advento dos smartphones a complexidade da comunicação humana ficou reduzida a expressão do rosto diante da tela. Nesta perspectiva, pode-se não apenas intuir, mas se verificar que também a linguagem como parte integrante e fundamental da cultura passou por um processo de metamorfose.

De certo modo, é através da linguagem que o ser humano se constitui como sujeito e adquire significância cultural, pois, como afirma Santaella (2007), os sujeitos são sempre mediados pela linguagem. Assim, entendemos que a mudança estrutural da linguagem nos novos meios de comunicação virtual pode interferir diretamente no processo de individuação do sujeito, já que essa nunca está saturada ou fechada, mas aberta nas construções sociais.

Não obstante, a linha de observação metodológica sobre a individuação pela linguagem manteve-se majoritariamente no campo da interação face a face. Todavia, como já exposto, o campo da linguagem e da interação no ambiente digital cresceu exponencialmente devido à popularização do uso da tecnologia para os mais diversos fins. Portanto, faz-se necessário propor o problema da individuação e sua transição

da interação face a face para a interação virtual. Tendo isto em vista e levando em consideração a linguagem enquanto via para a constituição do indivíduo, pode-se chegar a seguinte questão: Como se dá o processo de individuação pela linguagem no ambiente virtual e que sujeito emerge dessa nova forma de comunicação?

Além do mais, se a linguagem é o meio através do qual o sujeito se conhece e se relaciona com o mundo, torna-se impreterível e fundamental a necessidade de se pensar filosoficamente a comunicação do âmbito virtual, uma vez que através dela que se realizam muitas ações cotidianas comuns, como fazer compras, expressar seus sentimentos ou concorrer a uma vaga de emprego; ou ainda, ações que poderiam ser consideras mais incomuns para o meio virtual como consultar-se com um médico, fazer uma sessão de psicoterapia ou relacionar-se afetivo-sexualmente com outrem (MARCUSCHI, 2003). Mais uma vez, tudo isto se reflete na constituição da identidade do indivíduo. Por isso, objetivamos neste trabalho estudar e analisar como se realiza o processo de construção da identidade do sujeito pela linguagem no ambiente virtual.

Dito isso, veremos, no item que segue, dados advindos de pesquisas científicas do campo da linguística baseadas no conceito de “individuação” como paradigma da construção do sujeito. No item 3, procuramos associar e analisar os conceitos de “Jogos de Linguagem” segundo Wittgenstein e de “Identidade” segundo Habermas, visto a pertinência em relação ao tema. No quarto item, conduzimos por analogia características do processo de constituição da identidade pela linguagem da interação face a face à possibilidade de individuação no campo da interação virtual e buscamos identificar características peculiares da realidade subjetiva do homem contemporâneo. Concluímos este breve artigo com as considerações finais.

2 O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

Na investigação a respeito da origem e desenvolvimento do ser humano e da civilização, pode-se apontar nos estudos históricos e antropológicos modernos como momentos decisivos da evolução do homem para outros estágios de racionalidade e socialização, os momentos do aprimoramento da linguagem. Como afirma Cherry (1972, p. 64) “O desenvolvimento humano e o avanço das civilizações dependeram

principalmente da evolução dos meios de receber, comunicar e de registrar o conhecimento e, particularmente, do desenvolvimento da escrita".

Ligado a isso, uma das matrizes do processo de constituição do sujeito é a individuação. Segundo Barreto (2008), o conceito de individuação assumiu diferentes formas ao longo da história, mas em suma, podemos dizer que a individuação é o processo em que um organismo se torna singular dentro de sua espécie ainda que não abandone as características comuns aos demais membros da espécie.

Ainda neste cenário, mas à luz das diferentes formas de constituição do sujeito, pode-se convencionar que as consequentes modulações da individuação

> estabelecidas pelas instituições, resultam em um indivíduo ao mesmo tempo responsável e dono de sua vontade. É o sujeito individuado, de natureza sócio-histórica ideológica, indivíduo já afetado pela língua e pela ideologia que se identifica pela sua inscrição nas diferentes formações discursivas, de que resultam distintas posições sujeitos, relativamente às formações sociais. [...] Nesta teorização, nenhum dos elementos que a constituem pode ser pensado sem os demais (ORLANDI, 2011, p. 22).

2.1 MUDANÇA DE PARADIGMA – A NOÇÃO DE IDENTIDADE

Para guiar esse processo, explica Barreto (2008), o paradigma de formação do indivíduo se deu na busca de tornar-se o que se é, partindo do imperativo máximo socrático: Conhece-te a ti mesmo. Esse conteúdo e esse sentido, transmite para o modelo de individuação a concepção cerceada pela experiência socrática, assim como também vemos em Platão: Uma vida que não examina a si mesma não é digna de ser vivida.

Nessa ótica, pressupõe necessariamente a possibilidade do sujeito de não se tornar o que é. Um animal, por exemplo, fatalmente vai se tornar o que é. Mas, quando surge um imperativo no âmbito humano que exorta as pessoas a tornarem-se o que elas são, isso necessariamente, logicamente pressupõe a possibilidade da negação do que somos. Isso é também uma prerrogativa de negar-se a si mesmo; e daí também derivam as várias formas negativas de alienação de ser diferente daquilo que se é[3]. Esse conteúdo e direção era o que atravessava todo itinerário da individuação.

[3] Estas elucubrações dizem respeito, em síntese, às referências encontradas nas palavras do Prof. Dr. Marco Heleno Barreto, sobre o tema da individuação, em sua palestra no Café Filosófico - CPFL, da TV Cultura, ao qual remetemos o nosso leitor.

Contudo, sobre esse consenso, pretende-se questionar as presunções que estão por trás da noção de identidade, tendo em vista que a multiplicidade não existe apenas no espaço virtual. Segundo Santaella (2007, p. 84), “[...] a ideia de que a identidade possa ser consistente e engessada sustenta-se sobre a noção de sujeito e subjetividade herdada do cartesianismo e já vem sendo colocada em crise pela filosofia e pela psicanálise há pelo menos um século”.

Por isso, se as identidades são sempre múltiplas, então porque o tema da individuação e identidade se tornou tão proeminente na cultura digital? O que a comunicação virtual modificou em relação ao tema? Discutir essas questões também está nos objetivos deste trabalho.

Partindo dessa conjectura, na pós-modernidade se torna difícil estabelecer uma concepção dominante sobre a subjetividade humana. Como afirma Santaella (2007), no lugar dos antigos “sujeito” e “Eu”, novas imagens de multiplicidade, heterogeneidade, flexibilidade e fragmentação dominam as visões atuais sobre a subjetividade humana. Surgem assim, novas imagens multiformes de subjetividade e identidade: descentrada, múltipla, instáveis, plurais.

2.2 A LINGUAGEM COMO PONTO FUNDANTE DA IDENTIDADE

Ao comunicar, o indivíduo não somente objetiva seu mundo interior e assim constitui e determina um mundo simbólico e exterior, mas também é determinado por este mundo simbólico numa relação dialógica. À medida que o indivíduo se expressa, também se constitui enquanto tal, cria sua identidade subjetiva. Desse modo, existe uma conexão muito estreita entre a práxis da linguagem e o processo de constituição do indivíduo. Em outras palavras, a linguagem tem papel fundamental no processo de individuação, ou seja, o processo de formatação da identidade do sujeito enquanto tal (ORLANDI, 2009).

Desde os mais rudimentares níveis da comunicação gesticulada até os mais refinados sistemas de representação simbólica, a linguagem eleva-se como condição de possibilidade do pensamento, da comunicação, da ação e do aperfeiçoamento humano.

> O homem é essencialmente um animal comunicativo; a comunicação constitui uma de suas atividades essenciais. Enquanto os seres mais rudimentares enfrentam o seu meio ambiente numa base de momento, o

> homem possui a faculdade de aprender, em graus variáveis. Consequentemente, suas ações são influenciadas por experiências passadas. [...] Tudo isso é possível graças à linguagem. Essa capacidade de comunicação possibilitou a organização do homem em sociedades complexas além de o manter em contínuo estado de mudança (CHERRY, 1974, p. 64-65).

Fascinada pelo poder e pela complexidade da linguagem, a filosofia se colocou questões sobre sua origem e funcionamento. Afinal, segundo Chaui (2016), a linguagem é um dos elementos fundamentais ao processo do conhecimento. Somos dotados dessa capacidade e a desenvolvemos ao longo da vida a fim de expressar nossos sentimentos, pensamentos e impressões, bem como nos comunicar com outras pessoas por meio de diferentes signos (imagem, fala, som, gesto, escrita, etc.).

Rousseau (1978) considera que a linguagem nasce de uma profunda necessidade de comunicação, desde que um homem foi reconhecido por outro como um ser sensível, pensante, e semelhante a si próprio, o desejo e a necessidade de comunicar-lhe seus sentimentos e pensamentos fizeram-no buscar meios para isto. Semelhantemente, o agir moral só é possível pois as normas e sanções próprias de cada sociedade se traduzem em códigos linguísticos, quer sejam leis escritas ou oralmente transmitidas[4].

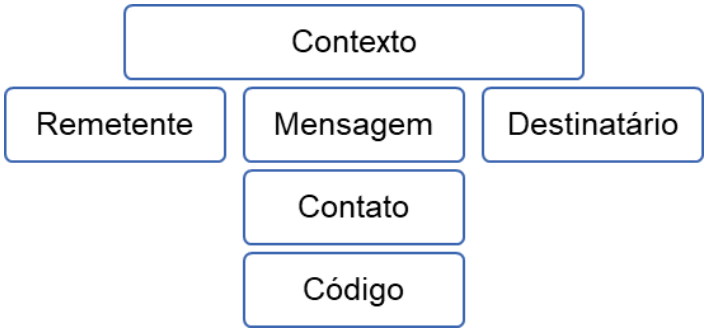
Neste último ponto encontramos também uma questão fundamental a respeito da linguagem que é o seu papel na constituição da singularidade de cada indivíduo, mediante sua práxis. Nesta perspectiva, segundo Orlandi (2009, p. 57), "[...] a comunicação aparece então apenas como uma consequência de uma propriedade mais fundamental da linguagem: a da constituição do sujeito. Propriedade que demonstra a capacidade do locutor, ao dizer, de se propor como sujeito".

Antes de mais, é mister uma perspectiva sumária dos fatores constitutivos de todo processo linguístico, de todo ato de comunicação verbal. Como explica o linguista contemporâneo Roman Jakobson (1974), o remetente envia uma mensagem ao destinatário. Para ser eficaz a mensagem requer um contexto (referente a função denotativa) a que se refere apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um código total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário. E finalmente um contato, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos a entrarem e

[4] Outro fenômeno não menos importante que se estabelece pela linguagem é a manifestação e expressão da autenticidade própria de cada homem e cada grupo social, o que pode se dar nos âmbitos individual e coletivo, respectivamente. Uma pessoa completamente individuada se articula segundo esses dois pontos de referência, que correspondem a universalização e a particularização.

permanecerem em comunicação. Esses fatores podem ser esquematizados como se segue:

Figura 1: Fatores fundamentais na comunicação verbal



Fonte: Jakobson (1974).

Além disso, é importante destacar na nossa pesquisa que a linguagem possui a função emotiva ou expressiva, como afirma Jakobson (1974), que está centrada no remetente. Visa a uma expressão direta de atitude de quem fala em relação àquilo de que está falando. Essa função evidenciada pelas interjeições, preenche de significação, em certa medida, todas as manifestações verbais, ao nível fônico, gramatical e lexical. Sendo assim, se analisarmos a linguagem do ponto de vista da informação que veicula, não podemos restringir a noção de informação ao aspecto cognitivo da linguagem.

Nesse caso, corre-se o risco de uma redução, que confina a língua a sua condição exclusiva de fenômeno mental e sistema de representação conceitual[5]. Pois, como afirma Marcuschi (2003), o paradoxo que surge quando se toma a língua como um fenômeno apenas cognitivo é o de não se conseguir explicar seu caráter social[6].

É através da linguagem que o homem constrói seu mundo e o modo de viver nele. Segundo Orlandi (2009), a faculdade da linguagem aparece como intrínseca à espécie humana: o homem já nasce com ela. A linguagem é inata. Faz parte da natureza do homem. O homem é carregado do ser da linguagem, pois a própria origem da linguagem está relacionada à origem do homem. A linguagem é onde se manifesta e

[5] Isto posto, como ocorre em boa parte dos cognitivismos contemporâneos, teríamos dificuldades de entender como é que a cultura, a experiência e a nossa realidade cotidiana passam para a língua. A língua envolve atividades cognitivas, mas não é um fenômeno apenas cognitivo.

[6] Nesse caso, não se deixa de admitir que a língua seja um sistema simbólico (ela é sistemática e constitui-se de um conjunto de símbolos ordenados), contudo ela é tomada como uma atividade sócio interativa desenvolvida em contextos comunicativos historicamente situados. Assim, a língua é vista como uma atividade, isto é, um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas, são objetivações históricas do que é falado.

se oculta o ser. É aprendendo a falar que crescemos, conhecemos o mundo, as pessoas e, por fim, a nós próprios. Assim, em todo o conhecimento de nós mesmos e do mundo, sempre já fomos tomados pela nossa própria linguagem. Assim, o homem pode comunicar tudo o que pensa.

Ainda, como afirma Santaella (2007), é inegável que a imagem da subjetividade sempre aparece sobre as lentes que acentuam seu caráter dialógico e inalienavelmente social da linguagem, fora da qual não há sujeito. Por conseguinte, a linguagem é de um “Nós”. O Eu é integrado ao Nós, pois a realidade do falar consiste no diálogo. Logo, a linguagem é dialógica, é um processo dinâmico, cinético, que está sempre relacionada com o outro.

Em suma, “[...] a linguagem não é só instrumento de pensamento ou instrumento de comunicação. Ela tem função decisiva na constituição da identidade” (ORLANDI, 2009, p. 57).

> A palavra é basicamente dialógica e está tão determinada por quem a emite quanto por aquele para quem é emitida. Então, a abordagem da língua deve ser feita por sua inserção no contexto social e no universo da tensão humana em que ela atua. O território da língua é lugar de disputa e conflitos, da relação entre o sujeito e a sociedade (ORLANDI, 2009, p. 57).

Assim, entendemos a língua como um sistema de práticas cognitivas abertas, flexíveis, criativas e indeterminadas quanto à informação ou estrutura. Em suma, a língua é um sistema de práticas com o qual os falantes/ouvintes (escritores/leitores) agem e expressam suas intenções com ações adequadas aos objetivos em cada circunstância, mas não construindo tudo como se fosse uma pressão externa pura e simples.

Dito isso, agora veremos como a linguagem é fator primordial na construção da identidade de cada indivíduo. Ela garante que se manifeste a subjetividade através da comunicação, logo, pelo reconhecimento e afirmação do Eu. Esse caráter constitutivo da linguagem será fundamental para entendermos como a mudança dos meios de comunicação decorrentes das novas tecnologias afetam a forma de individuação.

3 A LINGUAGEM CONSTITUIDORA DO “EU”

Avançando ao campo filosófico, pretendemos, agora, associarmos os resultados das análises científicas pertinentes ao tema aos conceitos filosóficos de “jogos de

linguagem” do austríaco Ludwig Wittgenstein, e de “identidade” segundo o alemão Jürgen Habermas.

3.1 WITTGENSTEIN E OS JOGOS DE LINGUAGEM

Os jogos de linguagem de Wittgenstein são por ele postulados na obra *Investigações Filosóficas*, publicada em 1953. Os jogos são vistos, segundo Apel (2000, p.377), como “uma unidade entre o uso da linguagem, a expressão corpórea, a prática comportamental e a abertura ao mundo, tudo funcionando como uma ‘forma de vida’”.

Em síntese, os jogos linguísticos são formas filosóficas de se compreender a linguagem tendo como critério a pragmática, isto é, o seu uso. Neste sentido, o critério da atribuição de sentido às palavras é puramente convencional e arbitrário, por isto, a linguagem funciona para ele como um jogo cujas regras podem ser mudadas a qualquer instante. Nas palavras do próprio autor, os jogos de linguagem são “[...] o conjunto da linguagem e das atividades às quais está interligada” (WITTGENSTEIN, 1999. p. 30).

Segundo Oliveira (1989), Wittgenstein supera uma análise de linguagem desenvolvida na sua primeira fase, o Tractatus, já que era essencialmente reducionista e tinha como finalidade reduzir a linguagem comum à linguagem formalizada da lógica. Agora, Wittgenstein passa do plano de uma análise formal da linguagem para uma análise pragmática, superando a noção de que as palavras são apenas nomes dados às coisas presentes. Assim, ele haverá de redescobrir as conexões entre linguagem e vida social, esclarecer as relações entre linguagem e ação humana.

De acordo com Oliveira (1989), para Wittgenstein, a concepção da palavra como sinal designativo não é inteiramente falsa, porque ela é, de fato, a expressão de uma forma concreta de um jogo de linguagem determinado, que existe na vida concreta do homem, sendo justamente o do método de aprendizagem. As conotações de uso da linguagem correspondem ao que passou a se chamar teoria dos atos de fala.

Por conseguinte, o que Wittgenstein propõe é o conceito de Jogos de Linguagem, que pode ser “[...] concebido como a unidade entre o uso da língua, a práxis e a interpretação de uma situação, ou seja, numa palavra, como forma de vida” (OLIVEIRA, 1989, p. 97). Isto posto, com a identificação entre linguagem e forma de vida, a análise linguística toma um sentido inteiramente novo: é compreendido

essencialmente no horizonte das relações interpessoais, ou seja, como condição de possibilidade da comunicação intersubjetiva, logo, da práxis humana. Assim, é no interior do jogo de linguagem, ou melhor, em jogos de linguagem nos quais as expressões linguísticas ganham sentido. O mundo da linguagem passa a ser um meio de elaborar sobre si mesmo as suas relações sociais, construindo seu estoque próprio de linguagem ao se inserir e se iniciar nos seus usos.

3.1.1 Formas de vida

De acordo com Oliveira (2007), uma das possibilidades que a linguagem possui está relacionada ao poder de produzir um resultado que não seja meramente comunicativo (ou ao seu conteúdo acústico), mas que tem o poder efetivo de alterar uma condição social, a instituir uma nova condição. Num exemplo clássico, temos um ato de fala que determina o destino de alguém, quando se afirma o compromisso de um casamento. Aqui não se trata apenas de uma enunciação sonora, mas também uma autoridade juridicamente constituída. Assim, o uso da linguagem demonstra não apenas a capacidade de exprimir informações verbalmente, mas também a capacidade de identificarmos a relação entre linguagem e ação.

Segundo Oliveira (2007, p. 98, grifo do autor), “Nesse sentido, pode-se dizer que análise da linguagem significa análise, tematização, reflexão sobre o conteúdo do *agir* humano enquanto realização da comunicação entre os homens”. Portanto, assimilação e uso da linguagem dependem de sua conexão prática. Os sentidos de expressões (o mesmo poderíamos dizer também sobre ações sociais) estão contidos ou fundidos com os contextos sociais nos quais são encontrados. Assim, falar sobre as formas de vida é como falar sobre algo fundamental para o exercício da linguagem, como se fosse um dado imediato da experiência humana; é o horizonte em que está inscrita a linguagem. É o ponto de toque entre a função a que serve a linguagem com objetivos variados e certas formas de lidar com essa realidade.

Recorda o próprio filósofo que “A expressão ‘jogo de linguagem’ deve salientar aqui que falar uma língua é parte de uma atividade ou de uma forma de vida” (WITTGENTEIN, 2005, p. 27). Por conseguinte, se a condição usual da linguagem é ela ser multifacetada, podemos encontrar vários propósitos, como diz Wittgenstein, várias formas de vida que ela exprime, revelando que a experiência da linguagem tem

um caráter abrangente, mas também individualizado. Portanto, cada pessoa envolvida nos seus afazeres práticos fará usos de expressões que estão concatenadas com suas relações materiais e simbólicas.

A partir disso, podemos perceber como linguagem e vida se articulam à medida que a linguagem nada mais é do que a expressão, a manifestação da vida, da ação do homem. De resto, todo o discurso social pós-moderno tornou-se ele mesmo uma rede multiforme de jogos de linguagem, em cuja disseminação o sujeito se dissolve, disperso em nuvens de elementos narrativos (SANTAELLA, 2007).

3.2 HABERMAS E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE

Jürgen Habermas, renomado filósofo contemporâneo, membro da Escola de Frankfurt[7], desenvolve uma análise acerca da linguagem como expressão da consciência do indivíduo e possibilitadora da interação social, e do fenômeno comunicativo como principal motor da ação humana. Ele reforça capacidade da linguagem enquanto promotora de interações dialógicas e de argumentos para um agir social comunicativo.

De acordo com Luchi (1999, p. 62), Wittgenstein “nas Investigações filosóficas os jogos linguísticos são fragmentados e se ganha a dimensão da conexão entre linguagem e práxis. Porém, as regras gramaticais de cada jogo são vistas como fixas e invariantes”. Desse modo, esse tipo de linguagem, cuja ordem gramatical é perfeita e fixa, garantiria a intersubjetividade, mas não a identidade do Eu.

Nessa perspectiva é importante destacar que para Habermas, as linguagens naturais não são completas e perfeitas, nem garantem univocidade, mas permitem rupturas e nuances na comunicação e por isso dão espaço para o surgimento da individualidade, do não-idêntico, onde se atualizam lugares de manifestação da identidade (LUCHI, 1999).

Sendo assim, vemos que a formação do indivíduo se dá pela linguagem e pela comunicação, à medida que se reconhece como semelhante aos que estão ao seu redor, e à medida que é capaz de expressar e comunicar suas singularidades,

[7] Fundada em 1924, formada por pensadores do Instituto para Pesquisa Social, vinculado à Universidade de Frankfurt, na Alemanha. Seus pensadores desenvolveram reflexões filosóficas e sociológicas que orientam a realização de estudos e de reflexões críticas até os dias de hoje.

predicando a si mesmo qualidades. Como afirma o próprio Habermas, a "[...] auto identificação predicativa que uma pessoa realiza é, de certo ponto de vista, pressuposto para que essa pessoa possa ser identificada genericamente e numericamente por outros" (HABERMAS, 1981, p. 156, tradução nossa). Desta maneira, podemos concluir que o comunicar é uma ação que não apenas reverbera no mundo exterior, mas também no interior, construindo-o. Ademais, isso significa dizer que a identidade[8], por mais mutável é inconsistente que seja, é sempre uma relação dialética entre indivíduo e sociedade, entre suas identificações e as identidades reconhecidas pelos outros, entre distinção e semelhança e entre mudança e continuidade.

3.2.1 O Agir comunicativo em Habermas

Habermas, em sua teoria, ajuda-nos a compreender o poder da comunicação como motivação para uma ação específica pelo agir comunicativo e, consequentemente, para a compreensão da identidade. O filosofo defende que das relações intersubjetivas estabelecidas entre indivíduos linguística e interativamente competentes, um verdadeiro processo de reprodução cultural, integração social e socialização é instituído.

> O agir comunicativo pode ser compreendido como um processo circular no qual o ator é as duas coisas ao mesmo tempo: ele é o iniciador, que domina as situações por meio de ações imputáveis; ao mesmo tempo é o produto das tradições nas quais se encontra, dos grupos solidários aos quais pertence e dos processos de socialização nos quais se cria (HABERMAS, 2003, p. 166).

Assim, segundo Habermas (2003), os atos de fala de cada indivíduo não servem apenas para a representação de estados e acontecimentos se referindo ao mundo objetivo, servem ao mesmo tempo para a produção ou renovação de relações interpessoais, bem como para a manifestação de vivências, isto é, para a auto apresentação. De outro modo, a ação comunicativa é entendida como um processo cooperativo de interpretação, em que os participantes se referem simultaneamente a respeito de algo no mundo objetivo, no mundo social e no mundo subjetivo, visando atingir o entendimento por meio de um reconhecimento intersubjetivo da pretensão de

[8] Habermas refere-se à identidade do Eu como sendo capaz de construir novas identidades a partir de identidades fragmentadas ou superadas, mas que se tornam de tal maneira integradas que o tecido das interações se organiza na forma de uma biografia que pode ser atribuída como sua. Isto se dá à medida que o indivíduo assume sua própria biografia e responsabiliza se por ela, podendo recorrer, de forma narrativa, à mesma ao voltar-se sobre si mesmo e sobre suas próprias interações.

validade das emissões proferidas. Sendo assim, a ação comunicativa encontra sua efetivação no mundo da vida[9].

Com isso, o homem, ser social, toma a linguagem como ponto coordenador de ação, revelando assim sua dimensão interativa, de outro modo, revela-a não apenas como um canal de troca de informações, mas como meio ensejador da criação de planos de ação orientado para o entendimento mútuo. Assim, podemos afirmar que a linguagem, em sua práxis, dimensiona e expande o ser não apenas garantindo a identidade do sujeito, mas também constituindo estágios de interação e concepção de mundo.

Segundo essa vertente, o sujeito, ao erguer um ato de fala, levanta pretensões de validade; nos atos assertivos coloca pretensões de verdade, nos atos regulativos, coloca pretensão de correção e nos atos expressivos, pretende autenticidade. A língua já contém embutido o *telos* do entendimento, pois quem fala com sentido, já se expõe a objeções e se compromete a responde-las na busca do melhor argumento que vincula os falantes. Dessa forma, para Habermas, o uso de Eu por um falante não tem apenas uma função dêitica, que revela uma identificação possível. O Eu somente adquire sua identidade, para os outros e para si, enquanto participa do intercâmbio linguístico. Quem diz Eu se expressa, revela seus sentimentos, convicções e propósitos e pretende ser aceito como veraz pelos demais participantes da comunicação. Não pretende apenas ser identificado por observação. “O Eu que se auto apresenta já dá prova de pertença a uma comunidade de falantes e ao mesmo tempo só essa comunidade pode reconhecê-lo e conferir caráter individualizante à sua identidade genérica e espacio-temporal” (LUCHI, 1999, p. 349-350).

Por isso, no ato comunicativo, o indivíduo procura mais do que se fazer entender, busca alcançar uma concordância mínima, uma aceitação por outro sujeito capaz de linguagem e ação, para que o discurso tenha eficácia. Logo, para se manter uma identidade, deve-se mantê-la linguisticamente. Esse é o forte anseio que mais adiante se revelará como um fator importante na definição de novas formas de identidade pelos meios de comunicação virtual. Com esse passo, vamos agora fazer uma breve análise da interação pessoal perpassando pelos seus âmbitos de comunicação.

---

[9] Considera-se como mundo de vida o mundo histórico-cultural concreto, sedimentado intersubjetivamente em usos e costumes, saberes e valores. Também pode ser considerado como mundo subjetivo, objetivo e social, onde falante e ouvinte podem se entender sobre algo (HABERMAS, 1988).

4 NOVAS FORMAS DE COMUNICAÇÃO – DO FACE A FACE AO VIRTUAL

A chamada Revolução Digital, de acordo com Schoenherr (2004), também conhecida como Terceira Revolução Industrial é aquela que diz respeito aos processos associados à passagem da tecnologia eletrônica mecânica e analógica para a eletrônica digital. É controverso qual seria o marco inicial da Revolução Digital, mas a maioria dos estudiosos da área fixam como marco o surgimento da internet no final da década de 1960, o que modificou completamente as relações entre as pessoas pelo mundo em diversas esferas da sociedade e em níveis jamais imagináveis.

Sabemos que as novas mídias digitais de comunicação ou media criam novas possibilidades de interação, tendo como consequência o surgimento de novos gêneros digitais (FIGUEIRAS, 2017). Mas como podemos caracterizar a cultura digital desses ambientes virtuais? Qual é o suporte desse ambiente já que a linguagem aqui estruturada está em contínua transformação? Para entendermos um pouco sobre isso, é necessário pensarmos no transcurso da forma de comunicação face a face até a virtual.

Conforme Figueiras (2017), o processo de mediatização que vivemos implica aspectos quantitativos e qualitativos em termos de tempo (os media sociais estão, cada vez mais permanentemente ligados e disponíveis), de espaço (crescentemente em todo o lado) e de contextos (a comunicação mediada entrou em praticamente todas as dimensões da vida). Enfim, os media são ao mesmo tempo parte do tecido da sociedade e da cultura.

Por isso, o desenvolvimento tecnológico conduz a uma crescente fusão entre os seres humanos e a tecnologia. Por um lado, essas tecnologias de comunicação “[...] são cada vez mais humanas na sua performance; por outro lado, as pessoas apropriam-se de tal forma dos meios de comunicação que estes fazem já parte do ambiente que as envolve” (FIGUEIRAS, 2017, p. 103).

Segundo o professor de Sociologia da Universidade de Cambridge, John B. Thompson (2018), o desenvolvimento dos meios de comunicação é como parte fundamental e constitutiva da formação das sociedades modernas. Assume, crescente e progressivamente, caráter transformador das formas de interatividade que o seu uso provoca. Por conseguinte, é elementar destacar que, o uso dos meios de comunicação, mais do que possuir a função de transmitir informação ou conteúdo

simbólico a indivíduos, está estreitamente associado à criação de novas formas de ação e interação, novos tipos de relações sociais e novas formas de relacionamentos com os outros e consigo mesmo.

De acordo Thompson (2018), os tipos de ação ou interação relacional entre indivíduos podem ser classificados basicamente em quatro tipos. A saber, **interação face a face, interação mediada, quase-interação mediada e interação mediada online.** Podemos especificar da seguinte forma:

Tabela 1: Quadro de tipos de interação

Tipos de interação	Constituição espaço-temporal	Gama de pistas simbólicas	Grau de interatividade	Orientação da ação
Interação face a face	Contexto de copresença	Completa	Dialógica	Outros em copresença
Interação Mediada	Estendida no espaço e no tempo	Limitada	Dialógica	Um para um
Quase-interação mediada	Estendida no espaço e no tempo	Limitada	Monológica	Um para muitos
Interação mediada online	Estendida no espaço e no tempo	Limitada	Dialógica	Muitos para muitos

Fonte: Thompson (2018).

Acerca disso, ressaltamos que a **interação face a face** possui três características específicas: 1. ocorre em um contexto de copresença, num cenário espaço-temporal comum; 2. é de caráter dialógico, no sentido de que envolve, pelo menos potencialmente, um fluxo bidirecional de informação e comunicação; e 3. mobiliza uma multiplicidade de sinais simbólicos – gestos e expressões faciais, bem como palavras, cheiros e toques (pelo menos potencialmente) e outros sons e sinalizações visuais.

Aqui, podemos ainda perceber que a interação face a face situa-se em um contexto de copresença e é direcionada a outros que participam do mesmo âmbito espaço-temporal. Por isso, Thompson (2018) ressalta que, ao contrário dela, todas as três formas de interação mediada se estendem no espaço e no tempo e envolvem certo estreitamento no espectro de sinais simbólicos.

Ressaltamos que “a compreensão de tempo e espaço, em cada sociedade, depende do meio de comunicação primário usado para as interações entre os indivíduos e as

instituições dessa sociedade", afirma Martino (2015, p. 188). Ou seja, duas das maiores percepções estão ligadas ao modo no qual acontece o intercâmbio linguístico, elas, por sua vez, têm considerável influência sobre o modo como cada sociedade compreende a si mesma. Veremos que essas percepções passam a ser estendidas no espaço-tempo nas interações mediadas.

Segundo Thompson (2018), a **interação mediada** envolve o uso de um meio técnico de comunicação que permite que as informações ou os conteúdos simbólicos sejam transmitidos para indivíduos que estão distantes no espaço ou no tempo, ou em ambos. Como exemplos desse modo de interação temos o e-mail e conversas telefônicas. Aqui, os indivíduos podem interagir uns com os outros, mesmo que não compartilhem um ambiente espacial-temporal comum.

Torna-se interessante analisarmos que mesmo em uma conversa telefônica tendo apenas a palavra oral como gama de sinais simbólicos, o interlocutor deve falar ou emitir um fluxo constante de mensagens fáticas para garantir que ou outro ainda está na linha prestando atenção – sim, uh-hum, uh-hum, etc. Sem tais mensagens, a interação corre o risco de ser interrompida. Isso, pois, já aqui, é possível notar que a interação mediada é estruturalmente diferente da interação face a face (THOMPSON, 2018).

No terceiro modo temos a **quase-interação mediada** onde, segundo Thompson (2018) se trata de um tipo de interação que envolve a extensão das relações sociais no espaço e no tempo com certa restrição no leque de pistas simbólicas. Mas sua diferença principal está em dois pontos: primeiro, é de caráter monológico, no sentido de que o fluxo de comunicação é em grande parte unidirecional (por isso, quase-interação); e segundo, é orientada a um espaço indefinido de potenciais destinatários. Como exemplo desse tipo de interação temos a TV, o rádio, os jornais, os livros e assim por diante.

Por conseguinte, como enfoque principal do nosso trabalho, temos como quarto tipo de interação a **interação mediada online.** Essa forma de comunicação entre indivíduos se torna cada vez mais presente na vida cotidiana e pode ser mediada por computadores*, smartphones, tablets* ou qualquer outro dispositivo móvel. Segundo Thompson (2018), as propriedades dessa forma de interação se diferem em dois aspectos-chave: diferentemente da quase-interação mediada, é de caráter dialógico;

e ao contrário da interação mediada, é orientada para uma multiplicidade de outros destinatários – é de muitos para muitos, e não de um para um.

Destacamos que, segundo Martino (2015), no simulacro ambiente virtual, as imagens do cotidiano não substituem ou representam a realidade, mas se tornam, elas mesmas, a própria referência de algo “real”. Viver em um espaço como esse significa perder o contato com o “outro real” ao preço de se comunicar com o “outro virtual”.

Nessa nova estrutura linguística, “[...] os indivíduos criam ou mantêm relações sociais com outras pessoas distantes, algumas das quais conhecem em contextos de interação face a face, mas muitas delas apenas por intermédio do site de mídia social” (THOMPSON, 2018, p. 21). Os sites de redes sociais são o cenário perfeito para esse tipo de interação mediada: Facebook, Twitter, Whatsapp, YouTube e outras plataformas.

Uma consequência disso é que como essas pessoas estão interligadas a inúmeras outras, forma-se grupos relativamente pequenos, com ligações pouco densas entre indivíduos onde, cada um deles está especialmente ocupado consigo mesmo, ou trabalhando na manutenção dos laços frágeis que constrói, ressalta Martino (2015).

Essas redes produzem uma reconfiguração da linguagem presente onde podemos chamar de ciberespaço. Conforme Martino (2015, p. 11), se trata de um “[...] espaço de interação criado no fluxo de dados digitais em redes de computadores; virtual por não ser localizável no espaço, mas real em suas ações e efeitos”. É um ambiente que torna disponível um dispositivo de comunicação original, pois ele permite que várias pessoas construam de forma progressiva e cooperativa um contexto comum. As informações estão interligadas em rede, como um espaço de característica hipertextual. Assim, percebemos como este conceito está atrelado a dimensão social.

> Em resumo, o paradigma da tecnologia da informação não evolui para seu fechamento como um sistema, mas rumo à abertura como uma rede de acessos múltiplos. É forte e impositivo em sua materialidade, mas adaptável e aberto em seu desenvolvimento histórico. Abrangência, complexidade e disposição em forma de rede são seus principais atributos.
>
> Assim, a dimensão social da revolução da tecnologia da informação parece destinada a cumprir a lei sobre a relação entre a tecnologia e a sociedade proposta algum tempo atrás por Melvin Kranzberg: *"A primeira lei de Kranzberg diz: A tecnologia não é nem boa, nem ruim e também não é neutra."* É uma força que provavelmente está, mais do que nunca, sob o atual paradigma tecnológico que penetra o âmago da vida e da mente. Mas seu verdadeiro uso na esfera da ação social consciente e a complexa matriz de interação entre as forças tecnológicas liberadas por nossa espécie e a

> espécie em si são questões mais de investigação do destino (CASTELLS, 1999, p. 113, grifo do autor).

De certo, a realidade é sempre uma virtualização do que está gravado nos cérebros humanos. O mesmo acontece quando se está no ciberespaço: há um suporte físico que o sustenta, reforçando a concepção desse ambiente como espaço, lugar real. Por conseguinte, os relacionamentos sociais aqui estabelecidos, de acordo Thompson (2018), criam uma rede em constante expansão sob os vários graus de familiaridade, fragilidade e pela troca de conteúdo simbólico em múltiplos formatos e modalidades – mensagens, comentários, fotos, vídeos, feeds etc. – que é disponibilizado para outras pessoas com diversos graus de abertura e limite.

Outrossim, "uma vez transporta para a internet, as relações face a face ganham novas características que, no entanto, aparentemente não chegam a substituir os contatos pessoais no mundo físico" (MARTINO, 2015, p. 131). Ao que podemos perceber, há uma mudança qualitativa nos relacionamentos face a face que continuam apenas no online. Podemos afirmar que há uma metamorfose da realidade "real", que já existia, para a virtual. A grande mudança está na noção de espaço-tempo, não presença, velocidade/interatividade. Assim, pela virtualização das relações, não se pode mais dimensionar, mais propriamente no ciberespaço, alguma coordenada espaço-temporal: O virtual existe sem estar presente.

Segundo Santaella (2007, p. 97), "O sujeito já não está localizado em um tempo/espaço estável, em um ponto de vista fixo no qual possa calcular racionalmente suas opções". Ao contrário, um indivíduo está multiplicado em bancos de dados, dispersado entre mensagens virtuais, descontextualizado e re-identificado ao ciberespaço, dissolvido e re-materializado continuamente em algum ponto na incessante transmissão e recepção eletrônica de símbolos. Isso nos leva a sublinhar que o surgimento da cibercultura[10] tornou o Outro (o lugar da linguagem, dos códigos, da cultura) mais complexo.

A grande chave do desafio das novas comunicações, afirma Martino (2015), é compreender o outro – e não por acaso, daí vem sua dificuldade. As tecnologias de informação podem permitir o acesso ao outro, mas isso não significa constituir

[10] Segundo Martino (2015), o termo cibercultura designa a reunião de relações sociais, das produções artísticas, intelectuais e éticas dos seres humanos que se articulam em redes interconectadas de computadores, isto é, no ciberespaço. Em outras palavras, É a cultura – entendi da em sentido bastante amplo como a produção humana, seja material, simbólica, intelectual – o que acontece no ciberespaço.

relações de comunicação. Elas permitem ver, mas não compreender o outro, num sentido mais profundo; pois a relação de comunicação requer tempo, profundidade e disposição.

Em suma, destaca Santaella (2007), a novidade do ciberespaço não está na transformação da identidade previamente unas em identidades múltiplas, pois a identidade humana é, por natureza, múltipla. a novidade está em tornar essa verdade evidente e na possibilidade de ensinar e brincar com esta verdade, jogar com ela até o limite último da transmutação e da metamorfose identitária. Veremos isso, especificamente, no ponto a seguir.

4.1 MULTIPLICIDADE E FRAGILIDADE IDENTITÁRIA NO CIBERESPAÇO

De certo modo, o ciberespaço promove o indivíduo como uma identidade instável, como um processo contínuo de formação de múltiplas identidades. Assim, “[...] o modo multidirecional de troca de informações, característico da nossa era, coloca em questão a natureza mesma da subjetividade na sua relação com o mundo dos objetos, sua perspectiva e localização no mundo” (SANTAELLA, 2007, p. 97).

Consoante, Martino (2015) afirma que o individualismo contemporâneo, a velocidade das relações pessoais e a flexibilidade dos vínculos se mostraram possibilitadores de uma vida social fragmentada. Pois, a vida social *online* existe, paradoxalmente, quando um indivíduo está sozinho diante da tela. A conexão com os outros acontece no acesso das páginas e aplicativos diversos, tendo experiências igualmente fragmentadas e desconexas entre si.

Cabe ainda, ressaltar que a identidade social do sujeito depende, em boa parte, da comunidade à qual ele está ligado. Logo, como destaca Martino (2015), saber quem se é significa também saber a que grupos se está ligado e de que maneira essa ligação se reflete nele mesmo. Isso, pois, o senso de comunidade passa por transformações quando se pensa na perspectiva de um indivíduo conectado: ser aceito, pertencer a uma comunidade torna-se um processo muito mais fluido, rápido e dinâmico, no qual a identificação com o grupo é valorizada como forma de reconhecimento pessoal.

Não obstante, destaca Martino (2015), a definição da identidade parece se formar à medida que fluxo de informações envolvem os indivíduos e são por ele

compreendidos. Assim, segundo Mark Poster, analista das mídias contemporâneas, não há um discurso único, coerente, e, como tal, também não há um sujeito único, mas um sujeito espartilhado pela diversidade dos discursos a que é sujeito e de que é sujeito (FIDALGO, 2001).

Destaca Santaella (2007, p. 83), uma frase do sociólogo e filósofo polonês, Zygmunt Bauman: “Ter uma identidade fixa é hoje, nesse mundo fluido, uma decisão de certo modo suicida”. De fato, a comunicação por meios digitais apresenta incertezas tanto interpessoais quanto organizacionais. Longe de ser uma comunicação linear ou mesmo reversiva entre emissor e receptor, a relação entre o Eu e o(s) outro(s) fica rodeada de ambiguidades geradas, por exemplo, pelo potencial de anonimato, para construção múltipla de Eus e identidades nos espaços plurais que a internet propicia.

Ainda, a combinação das distâncias entre os emissores com o imediatismo temporal produzido pelas comunicações virtuais, tanto afasta os indivíduos como os aproxima. Estas distâncias, no pensamento de Poster, reconfiguram a posição do indivíduo de forma tão drástica que a figura do *self* [11] fixa no tempo e no espaço, capaz de exercer controle cognitivo sobre os objetos circundantes, não consegue ser mantida (FIDALGO, 2001).

> A linguagem já não representa a realidade, já não é uma ferramenta instrumental que realce a racionalidade instrumental do indivíduo: a linguagem torna-se, ou melhor, reconfigura a realidade. E, ao fazê-lo, o sujeito é interpelado através da linguagem e não pode escapar facilmente ao reconhecimento dessa interpelação. As comunidades electrónicas removem sistematicamente os pontos fixos e estáveis, as fundações que eram essenciais à teoria moderna ressalta-se a reconfiguração do indivíduo de forma drástica mais do que simplesmente permitir um prolongamento espacial temporal das comunicações (FIDALGO, 2001, p. 5).

Ainda segundo Poster (FIDALGO, 2001), as media apesar de válidas em seu âmbito, não revelam a estrutura alterada da linguagem na constituição de novas posições de sujeito, isto é, novos lugares na rede de comunicação social. Ao contrário, os modos comunicativos reduzem a experiência particular que podem ser caracterizadas como caricaturas. Do mesmo modo, a pobreza linguística corresponde na proporção inversa a uma operacionalidade tremenda na classificação e na velocidade de encontrar informação. Santaella (2007) afirma que as media produzem uma reconfiguração da linguagem, constituindo os sujeitos culturais fora do padrão do indivíduo racional e

[11] Eu essencial ou condições de identidade que tornam um sujeito da experiência distinto de todos os outros. A noção de *self* originalmente significa o mesmo, o idêntico. Esta expressão tem sido aplicada ao ser humano em uma conotação de singularidade, de uma identidade distintiva persistindo no tempo.

autônomo. Essa noção de sujeito, fixa e estável, deu sustento na era da cultura impressa, mas agora vê-se atropelada na era digital. O resultado é um sujeito multiplicado, disseminado e descentrado, continuamente interpelado como uma identidade instável.

Além disso, no ambiente virtual o indivíduo é transformado em relação à sua identidade e é constituído na base de dados. O fato de que esta identidade não tem uma íntima relação com a consciência interna do indivíduo com os seus atributos definidos, não minimiza de forma alguma a sua eficácia. Com a disseminação das bases de dados as tecnologias da comunicação invadem o espaço social e multiplicam a identidade dos indivíduos independente da sua vontade e intenção sentimento ou cognição (FIDALGO, 2001). Isto posto, a base de dados opera de forma contínua, sistemática e sub-reptícia, acumulando informação acerca dos indivíduos e compondo os em perfis. Neste caso, o indivíduo é, de certo modo, inteiramente livre. O que o ciberespaço faz é registrar e tratar informaticamente os rastros que a utilização dos meios eletrônicos deixa atrás de si, uma vez que essa facilita a vida social, econômica e institucional do próprio indivíduo.

Cabe ressaltar, que as bases de dados como discurso, objetivas[12], e por isso anteriores aos sujeitos que criam, são uma estrutura linguística, e assim, são vistas como elemento social anterior à fala, ao uso individual da linguagem. Mas a língua também não existe sem as falas que a realizam e de algum modo a modificam. Por isso, neste caso, são criativamente utilizadas e geram uma mudança estrutural da língua (FIDALGO, 2001).

Por fim, o ambiente virtual possui uma performatividade linguística. A ênfase é colocada no aspecto performativo da linguagem, naquilo que a linguagem realiza para além de denotar e conotar. Assim, como a vida contemporânea requer cada vez mais a utilização dos meios digitais, possibilita-se a constituição de base de dados cada vez maiores. Esta, por sua vez, gera indivíduos com identidades dispersas, identidades de que eles talvez podem nem sequer ter consciência. Resumidamente, o potencial libertador do modo de informação está fundamentalmente na intelecção da fragmentação do sujeito. Esclarece o modo de ver o Eu como múltiplo, mutável, fragmentado.

---

[12] “Dados das mídias digitais existem de maneira independente de ambientes físicos, podendo se desenvolver livres, a princípio, de qualquer barreira desse tipo” (MARTINO, 2015, p. 12).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscamos estudar e analisar como se realiza o processo de construção da identidade do sujeito pela linguagem no ambiente virtual identificando características próprias do sujeito que daí emerge a partir de uma fundamentação filosófica no pensamento de Wittgenstein e Habermas, que nos possibilitaram relacionar algumas mudanças estruturais da comunicação virtual ao fato de que a linguagem é princípio constitutivo da identidade do sujeito.

Por meio dos novos modos de interpretação, entendemos como a linguagem é fator essencial para a formação da identidade e como ela é conteúdo da ação humana nos diversos âmbitos de interação social. Isso se tornou mais perceptível através da conceituação de Jogos de Linguagem de Wittgenstein, a respeito da capacidade que a linguagem tem de influenciar o mundo, de promover mudanças no mundo social. O fato é que a linguagem é eterna construção e reelaboração, assim não sabemos que intenções e objetivos podem ser expressos em ações linguísticas futuras. Além disso, nas novas configurações dos meios de comunicação virtual, não sabemos quão amplo são os modos de jogos a serem formados e jogados criativamente, nem mesmo seus possíveis reflexos na identidade do indivíduo e nas formas de vida.

Firmando, a partir da noção de Identidade de Habermas, verificada principalmente pela sua Teoria do Agir comunicativo para os horizontes mais amplos da comunicação interativa, notamos como a linguagem e entendimento formam um par único na construção das validades do ser, que o afiguram como indivíduo perante o todo. Nesse sentido, segundo Habermas, a linguagem deixa de ser um mero instrumento de comunicação para ser transformar na condição a partir da qual a compreensão e o conhecimento objetivo se tornam possíveis. Isso, pois, ele se atenta para a relação da linguagem com a cultura na constituição de novas posições para o sujeito, ou seja, para novos lugares na rede de comunicação social. Essas formas de subjetivação na era digital reclamam por uma nova forma de reconhecimento e confirmação identitária. Assim, teorias que ignoram as linguagens das tecnologias comunicacionais ou as consideram do ponto de vista meramente instrumental deixam de enxergar as novas questões colocadas pela cultura digital a respeito da constituição do sujeito de significância cultural.

Não há como negar, o ambiente digital caracteriza o mundo contemporâneo. Ele constitui uma forma extraordinária de diálogo, encontro e intercâmbio entre pessoas, bem como de acesso à informação e ao conhecimento. Grande parte da humanidade está imersa nele de forma ordinária e contínua. Por isso, já não se trata apenas de usar instrumentos de comunicação, mas de viver em uma cultura amplamente digitalizada, que afeta de modo profundo a noção de tempo e espaço, a percepção de si mesmo, dos outros e do mundo, o modo de comunicar, de aprender, de informar-se, de entrar em relação com os outros.

Observando as novas matizes de identidade que emergem da linguagem no contexto da comunicação virtual, podemos dizer que o novo meio tecnológico molda diretamente, apesar de não determinar, a vida do ser humano (individual e coletiva). Deduzindo, a subjetividade e o conceito de identidade tornaram-se móveis, múltiplos, frágeis e instáveis, perdendo assim sua razão de ser unitária, fixa e imutável. A identidade passou para o extremo oposto, ficando atada a aparência pessoal sempre renovável, a produção de imagens do Eu facultado, principalmente, pela cibercultura.

Ainda sobre esses fatos e a partir dos estudos feitos é possível concluir que tais técnicas midiáticas evoluem, resultando diretamente na construção da cultura e, por conseguinte, do indivíduo. Ora, o meio virtual é uma situação comunicativa que determina uma estrutura de enunciação escrita bem próxima da oralidade, fazendo com que os participantes se sintam bem à vontade, como numa conversa informal face a face. Entretanto, o meio virtual que se vincula uma comunicação não é capaz de oferecer uma ampla gama de sinais simbólicos que possibilitem maior qualidade de interação entre os indivíduos.

Por fim, as sociedades contemporâneas, tecnologicamente sofisticadas, caracterizam-se por distintos novos modos de informação que alteram radicalmente o quadro das inter-relações sociais. Como exposto, podemos perceber que o processo de individuação no ambiente virtual se caracteriza principalmente pela mudança na forma de comunicação. Assim como a própria estrutura linguística vem sendo alterada por esses meios é possível considerar que isso incida diretamente sobre a constituição da identidade do sujeito. Logo, com tantas possibilidades de expressão, é absolutamente natural que novos gêneros, isto é, novas formas de agir por meio da linguagem sejam criadas a partir do contexto virtual.

REFERÊNCIAS

APEL, Karl-Otto. **Transformação da filosofia.** v. 1: filosofia analítica, semiótica, hermenêutica. São Paulo: Loyola, 2000.

BARRETO, Marco Heleno. **Individuação.** 2008. Disponível em: <https://tvcultura.com.br/videos/67739_individuacao-marco-heleno-barreto.html>. Acesso em: 11 nov. de 2021.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura.** Tradução de Roneide Venâncio Majer. v. 1. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAUI, Marilena. **Iniciação à Filosofia.** São Paulo: Ática, 2016.

CHERRY, Colin. **A comunicação humana**. São Paulo: Cultrix, 1972.

SCHOENHERR, Steven E. **The Digital Revolution.** San Diego: The University of San Diego, 2004. Disponível em: <http://www.aes-media.org/historical/html/recording.technology.history/digitalrev.html>. Acesso em: 12 nov. 2021.

FIDALGO, António. O modo de informação de Mark Poster. In: CORREIA, João Carlos. **Comunicação e Poder.** Universidade de Beira Interior, 2001. p. 345-363.

FIGUEIRAS, Rita. **Estudos em mediatização: causalidades, centralidades, interdisciplinaridades.** São Paulo: Matrizes, 2017. v.11, n. 1 jan./abr. p. 101-126.

HABERMAS, Jürgen. **Theorie des kommunikativen Handelns**. Frankfurt am Main: Shjrkamp, 1981.

_____. **Teoria de la acción comunicativa. Madrid,** Taurus, Vol 2, 1988.

_____. **Consciência Moral e Agir Comunicativo.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003, 2. ed.

JAKOBSON, Roman. “Linguística e poética”. In: Jakobson, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 118-132.

LUCHI, José Pedro. **A superação da filosofia da consciência em J. Habermas:** a questão do sujeito na formação da teoria comunicativa da sociedade. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.;

MACHADO, Anna. R.; BEZERRA, Maria A. (orgs.). **Gêneros textuais & Ensino.** 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 19-36.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes e redes. Rio de Janeiro: Vozes, 2015, 2ª Edição.

MATTOS, Sergio Augusto Soares. **A revolução digital e os desafios da comunicação.** Cruz das Almas: UFRB, 2013.

OLIVEIRA, Flaubert Mesquita de. **Wittgenstein e Bourdieu:** diálogos para uma sociedade prática. Rio Grande do Norte: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **A filosofia na crise da modernidade.** São Paulo: Edições Loyola, 1989.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é linguística.** São Paulo: Brasiliense, 2009.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** São Paulo: Paulus, 2007.

THOMPSON, John B. **A interação mediada na era digital.** University of Cambridge, Departamento of Sociology. v.12, n. 3 set/dez, São Paulo: Matrizes, 2018. p. 17-44.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas.** São Paulo: Abril Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

_____. **Investigações filosóficas**. Pensamento Humano. Tradução de Marcos G. Montagnoli. Rio de Janeiro: Vozes, 2005, 4ª Edição.